

A ECOCRÍTICA E A RESISTÊNCIA FEMININA – ANÁLISE REFLEXIVA DE REGINA E LUPE NO ROMANCE A *EXTINÇÃO DAS ABELHAS*, DE NATALIA BORGES POLESSO

ECOCRITICISM AND FEMALE RESISTANCE –
REFLECTIVE ANALYSIS OF REGINA AND LUPE IN
THE NOVEL *A EXTINÇÃO DAS ABELHAS*, BY NATALIA
BORGES POLESSO

Roseny Alves dos Santos

Mestranda e bolsista no Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade
da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG),
Campus Cora Coralina. Professora efetiva da SEDUC-GO.
E-mail: alves.roseny@gmail.com
ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-1898-798X>

Adolfo José de Souza André

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal
de Goiás (UFG). Realizou estágio pós-doutoral em Estudos
Literários na Universidade Federal Fluminense (UFF).
Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em
Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade
Estadual de Goiás (POSLLI/UEG), Campus Cora Coralina.
E-mail: adolfojoseandre@gmail.com
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0986-4043>

RESUMO: Este artigo propõe uma análise reflexiva sobre a ecocrítica e a resistência de Regina e Lupe no romance *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polesso. Nesse sentido, a ecocrítica aborda a questão do meio ambiente, que está presente no romance de Polesso através da ficcionalização da catástrofe ambiental, devido à extinção das abelhas. Regina e Lupe resistem ao caos ambiental, e a narrativa infere sobre a resistência das duas protagonistas demonstrada no romance, através das experiências femininas que se deparam com barreiras determinadas pela sociedade e pelas questões ambientais. Desse modo, as personagens se ressignificam, resistem e buscam afirmar suas identidades, suas escolhas e suas relações dentro do contexto de crise ambiental. O artigo está dividido em duas seções: de início, faz-se um breve comentário sobre a ecocrítica, partindo, em seguida, para a resistência das personagens Regina e Lupe quanto ao caos ambiental. O aporte teórico sobre ecocrítica que fundamenta a reflexão apoia-se em Glotfelty (1996), Slovic (1999) e Garrard (2006), o que permite a análise de uma narrativa de abordagem crítica.

Palavras-chaves: Ecocrítica; Ecofeminismo; A extinção das abelhas; Resistência; Meio ambiente.

ABSTRACT: This article proposes a reflective analysis of ecocriticism and the resistance of Regina and Lupe in the novel *A extinção das abelhas* (2021) by Natalia Borges Polesso. In this context, ecocriticism addresses environmental issues, which are present in Polesso's novel through the fictionalization of environmental catastrophe due to the extinction of bees. Regina and Lupe resist environmental chaos, and the narrative infers about the resistance of the two protagonists

demonstrated in the novel through feminine experiences that face barriers determined by society and environmental issues. Thus, the characters re-signify themselves, resist, and seek to affirm their identities, choices, and relationships within the context of environmental crisis. The article is divided into two sections: initially, a brief commentary is made on ecocriticism, followed by the resistance of the characters Regina and Lupe and environmental chaos. The theoretical framework supporting the reflection is based on Glotfelty (1996), Slovic (1999), and Garrard (2006), analyzing a narrative with a critical approach.

Keywords: Ecocriticism; Ecofeminism; The extinction of the bees; Resistance; Environment.

1. INTRODUÇÃO

Os impactos da urbanização, da industrialização e do uso excessivo de recursos naturais têm sido objeto de crescente preocupação desde o século XIX na literatura ambiental contemporânea. Durante esse tempo, os problemas ambientais se tornaram mais difundidos, particularmente como resultado da Revolução Industrial. Nesse contexto, a visão que antes estava centrada no ser humano, que enxergava a natureza como um recurso para o avanço da humanidade, agora está dando lugar a uma compreensão mais crítica e ponderada de como ela preserva ou destrói o meio ambiente.

Foi nesse momento histórico que autores como Scott Slovic, Greg Garrard, assim como outros, começaram a descrever o meio ambiente de forma mais contextualizada, de modo a enfatizar os impactos das ações do homem em seus livros, não apenas como um cenário, mas também como um componente

importante para a reflexão. Como resultado dessa mudança de paradigma, surge a ecocrítica.

Sobre o campo ecocrítico, Scott Slovic (1999) o conceitua como

o estudo de textos explicitamente ambientais por meio de qualquer abordagem acadêmica ou, inversamente, o escrutínio das implicações ecológicas e das relações homem/natureza em qualquer texto literário, mesmo que esse texto pareça à primeira vista não se referir ao mundo não humano (Slovic, 1999, p. 6).

É a partir dessa compreensão da análise das implicações da relação entre homem e natureza que se propõe a análise da obra *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polesso. Para tanto, primeiro, discorre-se sobre o conceito de ecocrítica, bem como o de ecofeminismo, além de discutir sobre a resistência feminina que pode ser vista nessa obra.

2 . A ECOCRÍTICA, O ECOFEMINISMO E A RESISTÊNCIA FEMININA

A ecocrítica, enquanto abordagem interdisciplinar, explora a relação entre literatura, cultura e meio ambiente. Sua natureza integrativa permite diálogos com diversos campos do conhecimento, ampliando sua relevância para questões contemporâneas e promovendo uma visão holística sobre o impacto das práticas humanas no meio ambiente. Assim, “a ecocrítica é o estudo das relações entre literatura e ambiente físico, buscando entender como a cultura humana representa e interage com a natureza” (Garrard, 2004, p. 10).

Ainda sobre o conceito, Glotfelty (1996) sustenta que,

dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (Glotfelty, 1996, p. 19).

Nesse sentido, a ecocrítica é um campo de estudo que analisa como a literatura retrata e se relaciona com o ambiente físico — a natureza, a Terra, os ecossistemas e as questões ambientais. Assim como outras abordagens críticas, ela tem um foco, que, neste caso, é o planeta e nossa conexão com ele.

Os ramos da ecocrítica abrangem muitas áreas e podem ser divididos em diferentes abordagens analíticas. Quando olhamos para seu contexto histórico, podemos ver que ela se tornou cada vez mais difundida nos círculos acadêmicos no final do século XX, junto com o aumento da conscientização ambiental global.

A natureza é representada em diferentes gêneros literários. Ademais, os livros de cunho ecocrítico tratam de desastres ecológicos, mudanças climáticas e degradação ambientais. Por conseguinte, de acordo com Garrard (2006),

a ecocrítica singulariza-se, entre as teorias literárias e culturais contemporâneas, por sua estreita relação com a ciência da ecologia. Os ecocríticos podem não estar habilitados a contribuir para debates sobre problemas de ecologia, porém, mesmo assim, devem transgredir os limites disciplinares e desenvolver, tanto quanto possível, sua própria “capacitação ecológica”. Por isso ofereço discussões sucintas de algumas ameaças ambientais hoje enfrentadas pelo mundo. Examiná-las [...] é essencial para que os ecocríticos reconheçam que há discussões sérias

sobre a existência dos problemas, sua extensão, a natureza das ameaças e suas possíveis soluções (Garrard, 2006, p. 16).

Garrard (2006) destaca a singularidade da ecocrítica em sua intersecção com a ecologia, enfatizando que, embora os ecocríticos possam não ser especialistas em questões ecológicas, é crucial que eles ampliem seus conhecimentos sobre esses temas. Isso porque a ideia central é que a ecocrítica deve ir além das fronteiras disciplinares tradicionais, desenvolvendo uma interação ecológica que permita uma compreensão mais profunda dos desafios ambientais contemporâneos. Por conta disso, ela tem estabelecido um diálogo particular com os movimentos feministas, o que originou a teoria ecofeminista.

O ecofeminismo emerge como uma corrente dos estudos dessa área. Esse caráter interdisciplinar enriquece os debates ambientais, porquanto promove reflexões críticas e ações transformadoras em um mundo cada vez mais interconectado e em crise ecológica. Sobre esse encontro, Torres (2009) afirma sobre o diálogo entre a ecocrítica e a teoria feminista “simboliza síntese do ambientalismo atrelado ao feminismo e propõe que a luta pelos direitos da mulher não seja separada da luta pela reparação dos ecossistemas que sustentam a vida” (Torres, 2009, p. 174).

O ecofeminismo, historicamente, emergiu na França em 1974, impulsionado pela preocupação com as consequências da degradação ambiental e com a subordinação feminina em relação ao gênero masculino, ambas consideradas produtos de uma estrutura social patriarcal. A partir dessa constatação, postulava-se que as mulheres poderiam desempenhar um papel crucial na proteção do meio ambiente, e que sua

participação ativa nas decisões sobre a gestão dos ecossistemas representaria uma via potencial para a resolução dos desafios ambientais.

No contexto da ecocrítica, as mulheres têm integrado ecologia e feminismo aos estudos literários, considerando a literatura como um espaço de resistência contra diversas formas de dominação, sejam elas biológicas ou culturais. Sob o termo ecofeminismo - introduzido no início da década de 1970, na França, por Françoise D'Eaubonne -, que publicou na ocasião o livro *Le féminisme ou la mort (O feminismo ou a morte)*, reúnem-se atualmente tanto movimentos práticos, que buscam promover mudanças sociais alinhadas às lutas feministas, quanto abordagens teóricas e críticas. Desse modo, essas iniciativas têm como objetivo reconhecer e valorizar a diversidade biológica e cultural que sustenta a vida, além de questionar e desafiar as relações de dominação.

Ainda sobre esse conceito, Greta Gaard (1993) afirma que o

ecofeminismo é uma teoria que evoluiu a partir de vários campos de investigação e ativismo feministas: movimentos de paz, movimentos trabalhistas, assistência à saúde da mulher e movimentos antinucleares, ambientais e de libertação animal. Baseando-se nas percepções da ecologia, do feminismo e do socialismo, a premissa básica do ecofeminismo é que a ideologia que autoriza opressões como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, capacidades físicas e espécies é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza. (Gaard et al., 1993, p. 3, Tradução nossa).

Desse modo, o ecofeminismo é uma teoria que surgiu da união de várias lutas feministas com a preocupação ambiental. Ele argumenta que a mesma ideologia que permite a opressão de grupos como mulheres, minorias

raciais, pessoas de diferentes classes sociais, gêneros e orientações sexuais, e até mesmo animais, é a mesma que justifica a destruição da natureza. Em outras palavras, essa vertente combate todas as formas de dominação e exploração.

O ecofeminismo oferece contribuições valiosas para o campo ecológico e literário, colaborando na perspectiva interseccional que examina como gênero, raça, classe e localização geográfica afetam a relação com o meio ambiente. Além disso, ele reconhece a diversidade de experiências e vozes femininas no cuidado com a natureza, além de contribuir com os saberes locais e alternativos, buscando valorizar os saberes tradicionais e das práticas ecológicas lideradas por mulheres em diferentes culturas. Ainda, ele faz crítica à imposição de soluções ocidentais que ignoram as especificidades locais, bem como apresenta as visões transformadoras que propõem alternativas ao antropocentrismo, destacando visões integradas de coexistência entre humanos e natureza. É nesse sentido que Mies e Shiva afirmam que

uma perspectiva ecofeminista apresenta a necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza (incluindo os seres humanos) mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos. Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como das suas expressões culturais, como fontes verdadeiras do nosso bem estar e felicidade. Para alcançar este fim, as ecofeministas utilizam metáforas como “retecendo o mundo”, “curar as feridas”, religar e interligar a “teia” (Mies; Shiva, 1993, p. 15).

Shiva e Mies (1993) observam que, embora D'Eaubonne seja reconhecida como a primeira a empregar o termo ecofeminismo, sua popularização se deve a protestos contra a destruição ambiental e desastres ecológicos.

Ao desafiar sistemas patriarcais e antropocêntricos, ele contribui para uma compreensão mais profunda das crises ecológicas e sociais, destacando a importância de práticas sustentáveis e equitativas para um futuro mais justo.

Nessa mesma linha, Ynestra King é uma figura central no movimento ecofeminista, sendo reconhecida por seu papel em conectar as lutas feministas com questões ecológicas. Ela começou a desenvolver suas ideias sobre ecofeminismo na década de 1970 e foi uma das organizadoras da conferência *Women and Life on Earth*, em 1980, que explorou as interconexões entre feminismo, militarismo e ecologia. King argumenta que a opressão das mulheres está intimamente ligada à exploração da natureza e que a luta pela igualdade de gênero não pode ser dissociada da luta por um ambiente saudável. Em resposta aos desafios ambientais emergentes, King (1997, p. 126-127) questiona ao dizer que “a crise ecológica está ligada a sistemas que rejeitam tudo o que é natural e feminino, promovidos por formuladores brancos, masculinos e ocidentais [...]”

No Brasil, essa perspectiva começou a ganhar força nas décadas seguintes, à medida que as mulheres se envolveram em movimentos sociais e ambientais. O ecofeminismo no país se manifesta em diversas frentes, incluindo as lutas de povos indígenas, os movimentos de mulheres agricultoras, como a Marcha das Margaridas, e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esses grupos têm promovido ações que visam tanto a justiça social quanto a preservação ambiental, enfatizando o papel das mulheres na conservação da terra e na gestão dos recursos naturais.

Nessa mesma perspectiva, apresenta-se a filósofa e teóloga feminista brasileira Ivone

Gebara, uma referência na Teologia da Libertação na América Latina, reconhecida como ecofeminista. Ela é reconhecida como uma das líderes desse movimento na América Latina. Seus escritos abordam a interconexão entre a opressão das mulheres e a exploração ambiental, defendendo uma ética que valoriza a diversidade biológica e cultural.

No texto “Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião” (1997), Gebara criticou o eurocentrismo, o androcentrismo e o antropocentrismo presentes na teologia dogmática, defendendo sua reformulação para que possa considerar os diferentes contextos e realidades vivenciados pelas pessoas. Além disso, ela argumenta que “a opressão da mulher e a destruição do planeta são fenômenos interligados” (Gebara, 1997, p. 33), sugerindo que ambos os problemas devem ser abordados conjuntamente para promover uma verdadeira transformação social e ambiental.

Já por meio de seu trabalho “Pobres e mulheres eram associados a níveis mais baixos de abstração, de ciência e sabedoria” (Gebara, 1997), a autora busca criar um espaço teológico que valorize tanto as vozes femininas quanto a diversidade da vida na Terra, promovendo uma ética que respeite todas as formas de existência.

3. DISTOPIA E ECOCRÍTICA: UMA ANÁLISE DE A EXTINÇÃO DAS ABELHAS

A partir desses pontos, propõe-se a interpretação do romance *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polezzo, pela perspectiva da ecocrítica. Essa proposta se faz especialmente pela observação da crise ambiental a partir da extinção das abelhas, que é um dos temas presentes no enredo. Assim, a narrativa elenca abordagens dessa vertente,

destacando preocupações com a biodiversidade e a sobrevivência das espécies, que afeta o equilíbrio ambiental.

O livro é um romance contemporâneo, ao mesmo tempo que distópico, que nos faz refletir sobre como seres pequenos, como são as abelhas, podem desencadear um colapso ambiental, pois elas desempenham um papel que vai além de meros elementos naturais. Na verdade, a sua existência, afeta até mesmo a sobrevivência dos seres humanos. Ademais, ele explora as interações humanas, bem como a formação das identidades das personagens Regina e Lupe, abordando ainda as complexidades da experiência feminina dessas personagens, inseridas em cenários de crises e desafios ambientais.

Sobre esses cenários, de acordo com Candido, “não espanta, portanto, que uma personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor” (Candido, 2009, p. 53). Por conseguinte, Regina e Lupe são personagens que nos inserem nesse contexto de catástrofe ambiental, e suas verdades estão em suas caracterizações, já que representam tipos humanos que estão em conflito com o mundo devido a suas complexidades.

O desaparecimento das abelhas reflete a desintegração da harmonia natural e da vida em comunidade, além de ser uma perda ecológica correlacionada às vivências de Regina e Lupe. Elas enfrentam um mundo extremamente dividido entre detentores de capital e trabalhadores, com as consequências das catástrofes recaindo sobre as trabalhadoras. Como mulheres comuns, são obrigadas a serem agentes de resistência, mostrando resiliência e firmeza mesmo em cenários de fragilidade, enfrentando padrões

preestabelecidos e traumas familiares.

A interseção entre resistência e ecocrítica é particularmente relevante em obras literárias que destacam a luta contra a degradação ambiental e a opressão social. Esses textos frequentemente apresentam personagens que resistem a sistemas destrutivos, promovendo práticas sustentáveis, bem como a justiça ambiental.

A resistência, no contexto de ecocrítica, refere-se à capacidade dos indivíduos ou grupos de enfrentar e de desafiar as forças que ameaçam o meio ambiente e as comunidades. Isso pode incluir a resistência contra práticas de exploração ambiental, contra a opressão social e econômica, e contra a degradação dos ecossistemas. Em textos literários, as personagens podem ser retratadas como agentes de resistência, lutando contra sistemas opressores e promovendo mudanças positivas.

Sobre o viés do ecofeminismo, no romance de Polesso, observa-se Regina e Lupe, que são personagens mulheres que vivem no sul do Brasil, em meio ao colapso ambiental decorrente da extinção das abelhas. Elas são mãe e filha, porém, houve uma interrupção na linha afetiva de Regina, quando Lupe resolveu abandoná-la para viver sua vida com mais liberdade, viajar com os amigos e conhecer novos lugares.

Nesse contexto, temos duas personagens que buscam sobreviver em meio ao caos ambiental, onde os alimentos já estão diminuindo, tudo é muito caro e já não existe trabalho e muito menos expectativa de vida. Isso pode ser visto no trecho que diz:

As pessoas tão morrendo. Não tem mais comida no mercado. Não tem mais abelha e a gente é que vai ter que pagar essa multa embutida na conta da luz. Tu viu? E sabe qual foi a preocupação da Denise? Comprar mel antes que falte. Pra pôr nos cosméticos. Quem é que tá preocupado com

passar coisa na cara quando o mundo tá do jeito que tá? (Polesso, 2021, p. 98)

É possível observar a gravidade da crise ambiental e social enfrentada pelas personagens, num cenário de desespero e falta de recursos. Observa-se que as pessoas estão morrendo, a escassez de alimentos é alarmante e a extinção das abelhas agrava a situação.

Além disso, o livro critica a superficialidade das preocupações de alguns indivíduos, como Denise, que prioriza a compra de mel para cosméticos em vez de se preocupar com questões mais urgentes, como a sobrevivência. Essa ironia ressalta a desconexão entre as prioridades pessoais e a realidade caótica do mundo ao redor, evidenciando uma crítica à sociedade que ignora problemas ambientais em favor de questões fúteis.

Nessa mesma linha de raciocínio, observa-se que a extinção das abelhas pode não acabar com o planeta, mas representa um grave risco para a humanidade. Enquanto a Terra e o universo podem continuar existindo, a raça humana enfrenta sua possível extinção devido às crises ambientais. A esse respeito, é dito no romance:

Mas a primeira coisa que ela disse quando me viu foi que, se as abelhas entrassem mesmo em extinção, o mundo ia acabar. As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava. Não contabilizava temperaturas nem o derretimento das geleiras, apesar de terem apresentado um “termômetro”. Eu disse a ela que o mundo não acabaria. Não era uma afirmação otimista. Ela disse que eu tinha razão. O mundo, a terra, o universo, tudo isso levaria uma eternidade para se extinguir. E talvez a causa de sua extinção fosse um buraco negro, um asteroide em rota de colisão, um campo magnético intruso, mas a gente, a raça humana, essa, sim, terminaria. (Polesso, 2021, p. 26).

Nesse contexto, o romance *A extinção das*

abelhas conecta-se implicitamente com a análise ecocrítica, pois é uma narrativa contemporânea que evidencia questões relacionadas ao meio ambiente, por trazer a relação do ser humano com a natureza e suas consequências trágicas, desencadeado pela extinção das abelhas.

Ainda sobre os problemas abordados no romance, um dos que se destacam é a escassez de alimentos. Quando são eles são encontrados, ou encontram-se deteriorados, ou são afetados por agrotóxicos, ou, ainda, estão prioritariamente direcionados às pessoas de alta renda. Quando estão em bom estado, eles são destinados a grandes empresas, enquanto os remanescentes são relegados à população de baixa renda. Essa condição é observada no diálogo entre Regina e Francisco, dono do mercadinho, o qual diz:

—Não tem, Regina. Tá difícil de chegar, eles vendem tudo pra empresa de refeição ou pra esses mercados grandes, pra nós não sobra. Olha aí os tomates que vieram! Por baixo do caixote tava tudo podre. Esses safados da Agrotech atiram as caixas e saem correndo! Depois ficam mandando opção de crédito (Polesso, 2021, p. 31).

Nesse cenário distópico, em que os alimentos já são escassos, devido à exploração ambiental, à utilização de agrotóxicos e à extinção dos insetos polinizadores, é possível perceber que os que mais sofrem são os mais vulneráveis economicamente. Sobre esse viés, percebe-se a relação simbiótica entre a deterioração ambiental e as dificuldades pessoais e coletivas das personagens, o que contribui para uma abordagem ecocrítica do romance, pois é uma distopia ecológica, a qual oferece uma visão crítica sobre os efeitos da intervenção humana. Lupe e Regina exemplificam a resistência feminina ao se unirem a outras mulheres em pequenas comunidades no norte do Brasil. Essas comunidades se tornam espaços de apoio

mútuo, em que o manejo da terra é realizado de forma colaborativa. Através dessa união, elas não apenas enfrentam os desafios impostos pelo colapso ambiental, mas também cultivam um senso de pertencimento e de solidariedade.

A resiliência é um tema central na obra, refletindo a capacidade das personagens de superar as dificuldades. Lupe e Regina, mesmo distantes fisicamente, compartilham uma conexão emocional que as fortalece em tempos de crise. Essa relação é emblemática da experiência feminina, na qual o apoio entre mulheres se torna vital para a sobrevivência e para o bem-estar.

O cenário do romance é permeado por uma crítica ao colapso ambiental que afeta não apenas a natureza, mas também as relações humanas. A narrativa sugere que a degradação do meio ambiente está intimamente ligada às dinâmicas sociais e familiares, ressaltando a importância de uma abordagem holística para entender as crises contemporâneas.

No romance, também é observado que a história segue a vida de mulheres cujas experiências refletem um mundo em desordem, tanto em termos ecológicos quanto pessoais, além da decadência ambiental que surge como pano de fundo para os dilemas existenciais das personagens. Esse fato é abordado por Garrard (2006), para quem as dinâmicas de poder e gênero se entrelaçam com a exploração ambiental. Ele destaca que a opressão das mulheres e a destruição do meio ambiente são frequentemente paralelas, refletindo estruturas patriarcais que priorizam dominação e controle. Quanto a Natalia Polesso (2021), as personagens femininas subvertem essas estruturas ao resistirem às expectativas sociais, criando espaços para novas formas de relação e sobrevivência.

Em *A extinção das abelhas* (2021), as personagens não apenas rompem com as expectativas de gênero, mas, também, constroem novas formas de relação e existência. Essas mulheres, ao enfrentarem preconceitos e desafios, tornam-se agentes de transformação social. De igual modo, há também a crítica ao antropocentrismo e ao patriarcado, além da denúncia ao impacto do primeiro e do capitalismo, que não apenas degradam a natureza, mas que desumanizam as relações.

Por fim, a ecocrítica feminina no livro *A extinção das Abelhas* é evidenciada através de metáforas poderosas e de uma narrativa centrada em mulheres. Isso porque o romance explora as conexões entre as crises ecológicas e emocionais, apontando para a necessidade de repensar a relação entre humanos, natureza e sistemas sociais. Logo, Polesso constrói um espaço literário que não apenas denuncia, mas também convida à reflexão sobre como resistir e transformar um mundo em colapso.

A resistência feminina, portanto, pode ser vista como uma tentativa de recuperar o que foi perdido, de reconstruir um espaço de cuidado, de atenção às necessidades tanto individuais quanto coletivas. Nesse sentido, na resistência, de acordo com Alfredo Bosi (1996, p. 11), “o seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste à outra força, exterior ao sujeito”. Logo, resistir é opor a força própria à força alheia.

A partir do ecofeminismo, a análise de *A extinção das abelhas* pode ser realizada observando como as personagens femininas se relacionam com a natureza, e como a busca por sua identidade e autonomia está intimamente ligada à preservação de si mesmas e de seus espaços. Desse modo, assim como as abelhas, as mulheres no romance de Polesso estão enfrentando uma extinção simbólica, sendo

sufocadas por uma sociedade que as limita e explora. Por conta disso, a luta dessas personagens pode ser vista como uma forma de resistência ecológica e feminista, porquanto busca, ao mesmo tempo, libertar-se da opressão e preservar a sua essência.

4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A extinção das Abelhas*, Lupe e Regina superam os obstáculos em sua luta contra o colapso ambiental através da formação de comunidades solidárias, da resiliência coletiva e da adoção de práticas sustentáveis. O livro destaca a importância do empoderamento feminino na luta por justiça ambiental, mostrando que a união e o apoio mútuo são fundamentais para enfrentar os desafios contemporâneos. Nesse contexto, as personagens femininas do romance não são meras vítimas das circunstâncias; elas se tornam vozes ativas na luta contra a degradação ambiental. Regina e Lupe, portanto, exemplificam como as mulheres podem se mobilizar para enfrentar os desafios contemporâneos, utilizando suas experiências pessoais como catalisadores para a mudança social.

A análise desenvolvida ao longo do artigo evidencia uma narrativa que destaca a crise ambiental, devido à extinção das abelhas e críticas sociais que conectam à resistência feminina. Por meio da ecocrítica, o livro questiona a desconexão entre os seres humanos e a natureza, enquanto o ecofeminismo destaca as lutas das mulheres em defesa do meio ambiente. Dessa forma, o romance contribui para um debate mais amplo sobre como literatura, estudo de gênero e meio ambiente podem se entrelaçar para promover transformação social e conscientização ambiental.

O romance aborda questões que podem ser discutidas pelo viés da ecocrítica e da resistência feminina, em um cenário de crise ambiental. Por meio de uma narrativa sensível, a autora explora as conexões entre a luta das mulheres e os problemas ecológicos, refletindo sobre a relação da humanidade com a natureza. O romance enfatiza que a crise ecológica afeta principalmente mulheres e comunidades vulneráveis. Além disso, destaca a resistência feminina, mostrando protagonistas que buscam conexão com a natureza e com outras mulheres, revelando a capacidade das mulheres de transformar suas realidades.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Itinerários*, Araraquara, n. 10, p. 11-27, 19 dez. 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577/2207>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- GAARD, Greta et al (Ed.). *Ecofeminism: women, animals, nature*. Filadélfia: Temple University Press, 1993.
- GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. London: Routledge, 2006.
- GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião*. São Leopoldo: Olho D'água, 1997.
- GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Org.). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Ed. Georgia Press. Georgia, EUA, 1996.
- KING, Ynestra. Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura. In: Jaggar, Alison, Bordo, Susan. (org.), *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- MIES, Maria; SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. Trad. Fernando Dias Antunes. Lisboa; Instituto Piaget, 1993.
- POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- RUECKERT, Willian. Literature and ecology: un experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (ed). *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996.
- SLOVIC, Scott. Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine. **ASLE News**, Spring, 1999. p.5-6. Disponível em: <www.asle.org/assets/docs/roundtable.pdf>. Acessado em: 13 jan. 2025.
- TORRES, Maximiliano. O ecofeminismo: “Um termo novo para um saber antigo”. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p. 157-175, jun. 2009.